

Exposição “Sopro da Floresta: a cura que vem da terra”

Curadoria compartilhada e protagonismo indígena em museus de ciências

Exhibition “Whisper of the Forest: the healing that comes from the earth”: shared curation and indigenous protagonism in science museums

Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 19/05/2025

Maria Paula de Oliveira Bonatto

Dirce Jorge Kaingang

Susilene Elias de Melo Kaingang

Nádia Luzia Pitaguary

Denise Studart

Beatriz Schwenck

Paulo Henrique Colonese

Barbara Santos Mello de Oliveira

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

Na intenção de transpor barreiras históricas entre museus e povos originários, temos como objetivo produzir reflexões sobre processos vivenciados entre 2022 e 2025, por equipes de profissionais do Museu da Vida Fiocruz (Rio de Janeiro, RJ), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (São Paulo/SP), Museu Worikg (Rio Coiós, Terra indígena Vanuíre, Arco-íris/SP) e Museu Indígena Pitaguary (Pacatuba/CE). Esses conhecimentos envolvem a produção da exposição *Sopro da Floresta: a cura que vem da terra*, tendo como curadores pajés dos povos Kaingang e Pitaguary. O texto aborda reflexões e experiências interligando os campos da museologia social e decolonial ao campo da saúde, de modo a construir diálogos que possam contribuir para a transformação social. Trazemos também algumas vivências de formação da equipe do Museu da Vida a partir do contato com os conhecimentos expostos pelas pajés.

Palavras-chave: Saúde indígena - pajés; curadoria colaborativa; museologia decolonial; museus de ciência - educação museal; protagonismo indígena

ABSTRACT

With the intention of overcoming historical barriers between museums and indigenous peoples, this article aims to produce reflections about experienced processes between 2022 and 2025, by the teams of professionals of Museu da Vida Fiocruz (Rio de Janeiro, RJ), Museu de Archeology and Ethnology of the University of São Paulo (São Paulo, SP), Worikg Museum (Coiós river, Terra indígena Vanuíre, Arco-íris, SP) and Pitaguary Indigenous Museum (Pacatuba, CE). This knowledge involves the production of the exhibition *Whisper of the Forest: the healing that comes from the earth*, curated by pajés Kaingang and Pitaguary. The text brings reflections and experiences linking the fields of social and decolonial museology to the field of health, to build dialogues that can contribute for social transformation. We also bring educational experiences of Museu da Vida team based on contact with the knowledge exposed by pajés.

Keywords: Indigenous health; collaborative curation; decolonial museology; science museums - museum education; indigenous protagonism.



Introdução: o despertar

Pois ser pajé é ser um grande sonhador e acreditar que o espírito não morre. Assim, continuamos a levar o legado do pajé como algo precioso que nenhum dinheiro no mundo compra, pois é o sentimento, o amor, a paz, a alegria de servir um grande Deus e cuidar de cada ser que ele deixou no mundo [...] entendendo que tudo tem seu encanto, tudo tem seu espírito e está presente em cada um de nós, pois somos seres de luz que não se apaga (pajé Francilene Pitaguary apud Assunção, 2023, p. 144)

Estávamos no inverno do segundo ano da pandemia no Brasil, em 2021. Havia entre nós aquele extremo desconforto diante do aprofundamento e expansão da covid-19 e, mais ainda, o gosto amargo para educadores e profissionais da saúde de ver se aprofundando o avanço de fake news em todas as mídias, um enorme descrédito nas ciências e nas vacinas, mesmo em ambientes informativos onde predominava a confusão generalizada. E o mais estarrecedor era o avanço das violências sobre as florestas e sobre as populações indígenas. Essas violências se expressam pela disseminação de condições escandalosas de doenças, pelo total desrespeito ao apelo das etnias de garantia de posse e acesso à terra, pelas denúncias da invasão sistemática de garimpeiros nas áreas Yanomami e Munduruku (Amazônia brasileira) e nas incursões assassinas, que ainda perduram, nas áreas de moradia tradicional dos Guarani Kaiowá (Centro-Oeste brasileiro). Ao lado desses escândalos, escutávamos nas mídias as gargalhadas de representantes governamentais dizendo que era a hora de “fazer passar a boiada”.¹ A sensação era de um pesadelo do qual não conseguíamos acordar.

Aos educadores do Museu da Vida Fiocruz (MVF) – cuja missão é “despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, e seus processos históricos, visando à promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida da sociedade” (Fi-

¹ Ver matéria do G1: Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

cruz, 2023, p. 20) – ficaram as perguntas: Como trazer aos públicos uma reflexão sobre a seriedade da situação vivida por povos originários brasileiros? Aonde nos levará essa crescente onda de violências contra essas populações? Como podemos sustentar debates sobre o tema da saúde quando esses povos, que receberam as primeiras caravelas colonizadoras, ainda hoje são violentados em seus corpos e direitos? Não tínhamos sequer caminhos para enveredar por respostas enquanto nossos pensamentos estavam voltados para valores ligados às bases da educação em ciência e às necessidades crescentes de sua popularização. O diálogo do MVF com povos indígenas era restrito a poucas experiências, praticamente inexistentes.

Passamos, então, a procurar olhares que pudessem facilitar esse diálogo. A estratégia foi buscar no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) o apoio da museóloga e pesquisadora Marília Xavier Cury. Marília já acompanha o trabalho do MVF desde seu início, em 1999, atuando no MAE-USP, instituição museológica universitária que desenvolve ações de pesquisa, ensino e extensão em três áreas: arqueologia, etnologia e museologia. Entre as atividades de pesquisa do MAE encontram-se as ações em colaboração com grupos indígenas. Foi desenvolvida uma metodologia que, em contínua aplicação, contribui com tecnologias sociais de visibilidade identitária que beneficiam a totalidade das ações de curadoria, agregando às exposições museológicas um caráter inovador no sentido de que a exposição tem os povos indígenas na primeira pessoa, ou seja, os próprios indígenas relatam e produzem curadorias sobre seus valores, acervos e experiências. Para Cury, a curadoria em um museu é considerada como o ciclo completo e todas as ações em torno do objeto museológico – formação de coleções, pesquisa, conservação, documentação, exposição e educação – e a participação dos atores indígenas nesse processo reafirma a importância do protagonismo indígena e da inclusão de suas perspectivas e vozes na representação de sua própria cultura e história (Cury, 2016, p. 12-15).

Um dos resultados da aplicação dessa metodologia foi a exposição *Resistência já!: fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena* (figura 1), coordenada por Cury. O evento recebeu o prêmio Best Practice Award 2021 – ICOM CECA, do Comitê de Educação e Ação Cultural do Conselho Internacional de

Museus, com a ação *I'm here, and always have been!* (Guimarães et al., 2018) em reconhecimento à organização da exposição autonarrativa e de ação educativa.



Figura 1. Curadores indígenas verificando o funcionamento de QRcodes na exposição Resistência já! fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena. Curadoria colaborativa. MAE/USP. São Paulo, 2022. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

Na intenção de acessar aprendizados na fonte dessa experiência, foi organizada uma parceria, por meio do Acordo de Cooperação firmado em 2022, entre Fiocruz e MAE/USP,² para contribuir com a concepção e montagem de uma exposição com participação direta e ativa de indígenas previamente conhecidos e com experiência de curadoria

² Acordo de Cooperação – Processo Fiocruz Nº 25067.000411/2022-75 - ACT Nº 154/2022 – tem por objeto ações conjuntas entre a Casa de Oswaldo Cruz (COC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade de São Paulo (USP). Título do projeto: Projeto Saúde-indígena: autonarrativas, autorrepresentações e representações por meio de curadoria colaborativa entre Povos Indígenas Pitaguary e Kain-gang, COC/Fiocruz e MAE/USP.

em museus e exposições. Para tal foi constituída uma equipe multidisciplinar envolvendo trabalhadores dos museus parceiros.³

O objetivo do presente artigo é produzir reflexões sobre processos de curadoria compartilhada entre museu e pajés e conhecimentos construídos até agora pela equipe do projeto, durante o desenvolvimento e concepção de uma exposição sobre saúde indígena, no interior de um museu de ciências da saúde, trazendo elementos teóricos que respaldam tais reflexões, interligando os campos da museologia e da saúde.

A ideia da exposição veio para enfocar o tema Saúde sob a perspectiva indígena, uma proposta que encontrou eco em um apelo do pajé Barbosa Pitaguary (*in memoriam*) para a própria Marília Cury e outros agentes universitários, para se tratar a saúde humana de forma integrada, entre ciência e conhecimentos tradicionais, princípio que motivou a colaboração entre as partes que se mobilizaram. Decidindo optar por esse caminho, abraçamos uma trilha que nos educa a cada dia em uma prática que desejamos como expressão decolonial.

Ao ousar propor no interior dos campos da saúde e dos museus de ciência um trabalho que mira ações descolonizadoras, estamos atentos aos processos que os estruturam, reconhecendo que as transformações só se dão aliadas a lutas que estão para além desses campos, envolvendo a sociedade que os abriga.

Assim, Cury (2020) alerta sobre a natureza crítica dos museus, instituições que se desenvolvem em estado de permanente crise. Essas crises são políticas, revelam arcabouços de dominação e de resistência e, por isso, movem pensamentos de diferentes campos, colocando à prova nossa práxis cotidiana. Assim, como trabalhadores de museus e da saúde, enfrentamos permanentemente a necessidade de superações que não são simples, sendo necessário

³ A equipe do projeto da exposição *Saúde indígena* é composta por: Museu Worikg: Dirce Jorge, Susilene Elias de Melo; Museu Indígena Pitaguary: Francilene da Costa Silva, Nádia Luzia da Costa Silva; Alex Pitaguary; Museu de Arqueologia e Etnologia/USP: Marília Xavier Cury, Viviane Wermelinger Guimarães e Mauricio Andre da Silva; Museu da Vida Fiocruz: Maria Paula Bonatto (coordenação-geral), Bárbara Mello, Beatriz Schwenck, Bianca Reis, Denise Studart, Paulo Henrique Colonese; e os bolsistas do MVF Alex Hermes e Jannah Guató. Maria Clara Dias Rocha faz a produção executiva e o professor Sérgio Monteiro desenvolve a pesquisa para a construção do acervo de plantas medicinais da exposição.

experimentar iniciativas que ousem produzir olhares e condutas voltados para a produção de novos protagonismos.

O campo da saúde expressa - para além das relações hierárquicas e de controle do saber sobre os corpos - a hegemonia da academia, reproduzida fora dela por meio dos diversos serviços, que podem representar opressão e dominação ao desconhecerem tradições de culturas milenares propositoras de outras lógicas de cura e de cuidados.

A iniciativa da elaboração deste texto parte de pesquisadoras/educadoras do campo da museologia em saúde, que tem como base a Fundação Oswaldo Cruz, campus situado na cidade do Rio de Janeiro. Embora valorizando e destacando narrativas das participantes indígenas, assumimos o caráter institucional desta análise. Nossa iniciativa foi acolhida por pajés dos povos Kaingang e Pitaguary, na busca entre todos(as) da construção de relações menos assimétricas e que pudessem contribuir para fortalecer o protagonismo na governança indígena, seja nas políticas públicas do campo da saúde, seja na museologia e na produção de conhecimentos em geral.

Essa parceria desdobrada entre trabalhadores de quatro museus, dois indígenas e dois centros públicos de pesquisa científica, foi recebida de forma entusiasmada por todos os profissionais envolvidos, incluindo os da gestão, em que caminhos foram abertos para garantir a remuneração dos indígenas sob o critério “sem precedentes”: “ser pajé prestando serviços à Fiocruz”. Os(as) quatro pajés, consultados(as) quanto à possibilidade de parceria, colocaram como condição um encontro presencial entre os participantes. A descrição dessas visitas é parte de nossos resultados. Os Pitaguary destacaram a importância de ter seu trabalho associado à Fiocruz, em especial em um momento delicado, que envolve a garantia de acesso à terra em processo de demarcação. As Kaingang trouxeram, por meio da visita ao Castelo Mourisco (sede da Fiocruz), a visão de que a exposição teria que ser montada em uma de suas salas, inspiração vinda dos ancestrais que, segundo elas, estão em diálogo com a ancestralidade da Fiocruz. Mais tarde, por ocasião do encantamento (falecimento) do pajé Barbosa, a equipe da Fiocruz de Fortaleza teve o cuidado de estar ao lado dos Pitaguary

no enfrentamento da leishmaniose visceral, doença da qual o pajé foi vítima.

A iniciativa dessa colaboração entre museus tem caráter de experimento, busca referenciar lacunas tanto museológicas quanto na produção social, cultural e política da saúde, considerando a centralidade do protagonismo indígena, sendo este, em ambos os campos, tratado como “novidade”, seja pela possibilidade de compartilhamento de poderes dentro da curadoria de exposições em museus, seja por trazer o foco na perspectiva cultural da produção da saúde, que muitas vezes desafia concepções científicas.

Essa intenção não carrega pretensões ingênuas, já que há séculos as relações interculturais estão marcadas por contextos socioculturais e políticos que submetem populações de forma injusta e violenta, hoje voltadas para interesses de dominação e expropriação característicos do capitalismo estrutural que, mais do que nunca, se aprofunda por meio da força de processos colonizadores. Esse fator estrutural justifica ainda mais a necessidade de se buscar ressignificar e contribuir para transformar as relações em que nos vemos imersos e que revelam tantas desigualdades, preconceitos e ignorâncias, as quais queremos substituir por reconhecimentos e trocas mais justas e ricas entre culturas, no sentido de promover saúde para seres humanos que coabitam Pindorama, em Abya Yala.⁴

⁴ Abya Yala, na língua do povo Kuna (norte da Colômbia), significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento. Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. A primeira vez que a expressão foi explicitamente usada com esse sentido político foi no II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, realizado em Quito, Equador, em 2004. Configura-se, portanto, como parte de um processo de construção político-identitário relevante de descolonização do pensamento e que tem caracterizado o novo ciclo do movimento dos povos originários. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originarios/abya-yala/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Panorama: protagonismo indígena no campo da saúde – exercendo direitos

O trabalho de cura é diferenciado. É um trabalho de cuidado, zelar pela nossa cultura, fazer os remédios tradicionais, enfrentar o problema dos evangélicos [...] Vamos falar de nosso povo como era no passado porque agora no presente está muito difícil [...]. Na atualidade temos os adoecimentos [...]. É preciso acolher, estar junto, mobilizar a espiritualidade, acalmar [...] é muito da fé da gente. [...] O trabalho do pajé e da Kujã é aquele que nem a medicina consegue chegar porque é junto com a espiritualidade. Vem a sabedoria que orienta pra fazer os remédios tradicionais. A espiritualidade mostra as ervas para os tipos de doenças que a gente tá sentindo (pajé Dirce Jorge Kaingang).⁵

O presente texto, do ponto de vista teórico-metodológico, pretende discutir aspectos da construção de protagonismo indígena no contexto de uma exposição museológica. Consideramos relevante, também, situar teoricamente nosso aprendizado sobre o protagonismo indígena no campo da saúde, por se tratar do assunto da exposição que estamos construindo. Ao trazer o tema da saúde, não temos a intenção de aprofundar ou comparar crenças e práticas, como aquelas ligadas ao xamanismo, face às concepções científicas, mas falar da experiência na qual somos orientados pelos pajés Kaingang e Pitaguary nas escolhas de objetos e descrições para motivar reflexões acerca do tema saúde. Essas orientações expressam vivências em processos de cura e sua percepção sobre o que realmente importa na construção de discussões que levem à apropriação da saúde como elemento de direito à vida, a outras formas de organização social e ao que se tem convencionado chamar de ‘Bem Viver’.⁶ A ideia do projeto também é construir pontes para

⁵ Pajé Dirce Jorge Kaingang. Fala concedida por ocasião de reunião preparatória da exposição *Saúde indígena*. Coiós, Terra indígena Vanuíre, Arco-íris/SP, out. 2023.

⁶ A expressão Bem Viver é uma tradução de *Sumak Kawsay*, da língua quéchua equatoriana, ou *Sumak Qamaña*, do dialeto aimará boliviano. Trata-se de uma ideia presente entre quase todos os povos indígenas de *Abya Yala* (ou América Latina). Nasceu da resistência histórica desses povos e proposta para o conjunto da sociedade como alternativa à ideia de progresso discriminatório e violento. Seus princípios são: relationalidade, complementaridade, reciprocidade e correspondência, considerando que as visões de tempo e espaço são complexas. O

se observar a saúde indígena dentro dos museus, pois, afinal, ‘tudo está conectado’, nas concepções indígenas.

Na citação que abre a presente reflexão, Kujã Dirce declara que, o momento atual “está muito difícil”. Essa dificuldade se refere à possibilidade de falar sobre saúde a partir de uma realidade em que predomina a doença. Por outro lado, há muitas evidências de que existem coletivos de mulheres indígenas e de pajés agindo com sucesso pela promoção da saúde em suas diversas frentes de lutas. Pajé Barbosa Pitaguary, em sua persistência em cuidar do seu povo, obteve o reconhecimento da Sociedade de Psiquiatria do Ceará, que o tem como ícone dos processos de produção da saúde mental, reconhecendo sua dedicação à saúde coletiva nesse campo.⁷ Mas esse reconhecimento é fruto de longa caminhada nas lutas por direitos, incluindo o direito à terra, como condição para a boa saúde.

Embora todas as Constituições brasileiras tenham garantido aos povos indígenas o direito à terra, a de 1988 (CF/88) dá um passo além, ao reafirmar o direito às terras tradicionalmente ocupadas, e também o direito à sua organização social, costumes, línguas, crenças, culturas, bem como ao respeito a todos os seus bens. Acrescenta que compete à União demarcar as terras indígenas, protegê-las e garantir que apenas os próprios indígenas possam usufruir das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes. No que se refere à educação e saúde, prevê políticas públicas específicas e afirmativas de forma diferenciada para os povos indígenas. Como consequência, torna-se ultrapassada a condição de tutela em que se encontravam os povos indígenas até então e abre uma nova etapa para seu protagonismo nas mais diversas áreas, o que não significa que estejam isentos da necessidade de lutar para garantir os direitos conquistados em lei.

Bem Viver questiona a fundo a modernidade e seus conceitos, não sendo apenas uma reivindicação de e para os indígenas, mas também apontada no momento como a alternativa mais importante que se tem para sair das dimensões desumanas que caracterizam o capitalismo e a modernidade (Barros et al., 2019, p. 333-334).

⁷ A vida e produção do pajé Barbosa foi tema de dissertação de Alex Hermes, atualmente doutorando em antropologia do Museu Nacional. Realizou também a síntese de seus títulos e documentos, disponíveis para consulta em https://mapacultural.chorozinho.ce.gov.br/files/agent/65768/notorio_saber_unilab_paje%CC%81_barbosa_pitaguary.pdf. Acesso em: 1 dez. 2025.

As conquistas da Constituição de 1988 estão ligadas a articulações internacionais que geraram recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Organização das Nações Unidas (ONU). Esses documentos são fruto de reflexões coletivas e disputas que também reconhecem a importância de se garantir para as populações tradicionais os direitos de acesso aos serviços de saúde, prioritariamente aos da atenção primária, ao lado do exercício das medicinas tradicionais indígenas e o consequente reconhecimento oficial dos métodos de prevenção, das práticas curativas e dos medicamentos indígenas.

Dessa forma, há uma perspectiva convergente sobre as medicinas tradicionais entre a Convenção n. 169 da OIT (1989) e a OMS (2002) que conclamam os governos a atuarem em cooperação com os povos indígenas para implantarem no âmbito dos Estados nacionais as recomendações feitas em seus documentos. Instituem, assim, a importância de se praticar a consulta e a participação dos povos indígenas em todos os níveis de tomada de decisões, de forma a que venham influenciar positivamente em suas vidas, sejam essas governamentais, públicas ou privadas, incluindo decisões sobre prioridades no que se considera ‘questões de desenvolvimento’. Essa ênfase é fundamental para a construção de protagonismos indígenas. Do mesmo modo, a Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos Indígenas (2007) reconhece que, para a “existência, bem-estar e desenvolvimento integral” dos povos indígenas, os direitos coletivos são fundamentais, por levar em conta a necessidade de livre autodeterminação, com a revitalização de tradições e de costumes culturais, mantendo práticas e processos de transmissão dos conhecimentos. Além disso, prevê o direito desses povos de acesso aos serviços de saúde e ao exercício de suas medicinas tradicionais, em especial a conservação de espécies botânicas, animais e minerais de interesse vital para a medicina tradicional e científica.

Os documentos e orientações internacionais citados foram a base para a construção de políticas brasileiras, como a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Pnaspi) de 1999 (Brasil, 2002a); a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) de 2006 (Brasil, 2006a); e a Política Nacio-

nal de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) de 2007 (Brasil, 2006b), regulamentando a legislação referente às medicinas tradicionais e as práticas de parteiras indígenas.

Estudos apontam, no entanto, que não há nas políticas a preocupação em deixar claro como articular sistemas estatais com os tradicionais nos processos de atenção à saúde, levantando a questão de que há um viés ideológico na integração entre culturas, o qual se manifesta como um “dispositivo tutelar historicamente empregado pelo Estado na relação com os povos indígenas” (Brasil, 2002b). Dessa forma, chegamos ao século XXI com um arcabouço legal favorável à saúde de povos originários, o que, por outro lado, não se reflete nas condições de saúde desses povos. A partir da década de 2010 – e entrando pela situação da pandemia de covid-19, em 2020, com o aprofundamento do capitalismo neoliberal – houve processos de deterioração da saúde de povos indígenas brasileiros, embora com o aumento de muitas populações. O advento da pandemia explicitou o escândalo da situação de abandono e avanços contra o povo Yanomami, o qual teve suas condições precárias de saúde agravadas pela invasão violenta de suas terras pelo garimpo ilegal.

O documento do congresso interno da Fiocruz do ano de 2021 aponta, em diversas de suas teses, a relação entre as graves ameaças socioambientais que enfrentamos e a degradação da saúde de povos indígenas. Ali se afirma: “é grave a situação dos povos indígenas, duramente atingidos pela pandemia, que se soma à história de violências, de desrespeito aos seus direitos territoriais e demais direitos de cidadania” (Fiocruz, 2021), destacando que nossos povos originários estão entre aqueles que vivem em situação de alta vulnerabilidade social, expostos à violência estrutural e ao adoecimento. Destaca também que os serviços públicos das redes de proteção e cuidado têm papel estratégico na prevenção das violências. Na oportunidade de conversas sobre saúde, a partir das experiências desses povos, observamos relatos de discriminações e traumas vivenciados mesmo no Sistema Único de Saúde (SUS), em situações de busca de tratamentos e cuidados.

Com a renovação do governo federal, em 2022, foi instituída, pela primeira vez, no Ministério da Saúde, uma secretaria liderada

por um secretário de Saúde Indígena, para tratar especificamente das questões desses povos: Ricardo Weibe Tapeba, originário de um povo irmão dos Pitaguary, também do Ceará. Em maio de 2023, Tapeba foi convidado a protagonizar a representação do Brasil na 76a Assembleia Mundial da Organização Mundial da Saúde, em Genebra, na Suíça, o que se deu pela primeira vez, ou seja: um indígena protagonizando a representação de um país colonizado em uma reunião de caráter governamental. Ali, segundo a observação do secretário Tapeba, não havia ainda nenhum dispositivo que, de forma estratégica, apontasse caminhos para o fortalecimento das ações de saúde nos territórios indígenas de todo o planeta, documento que está agora sendo finalizado (Cris, 2025).

Recentemente, em meados de 2025, a Secretaria de Saúde Indígena (Sesai) do Ministério da Saúde apresentou o primeiro Programa Nacional de Medicinas Indígenas. O programa se baseia no conhecimento tradicional sobre ervas e plantas medicinais e está em fase final de discussão.⁸

No Seminário Saúde dos povos indígenas (Cris, 2025) é Weibe Tapeba quem faz o diagnóstico atual da saúde de povos indígenas brasileiros:

[Estamos nos territórios com] foco na linha do cuidado integral, superando as limitações da atenção primária à saúde indígena, envolvendo os esforços para a superação de barreiras históricas de acesso aos serviços de atenção especializada. [Há] territórios com dificuldade de logística, de difícil acesso e que, portanto, a gente precisa de uma política que garanta mais resolutividade nos próprios territórios, especialmente aqueles ocupados por povos de recente contato. Porque se a gente não cria uma política mais resolutiva, nós estaremos reforçando e fortalecendo a remoção dos pacientes dos seus territórios para serem tratados nas cidades. E isso, evidentemente, gera muitos prejuízos, muitos problemas de impacto na vida das próprias comunidades. [...] Nós realizamos cinco seminários regionais aqui no país, envolvendo centenas de trabalhadores da saúde indígena, lideranças, gestores, colaboradores, representantes institucionais e usuários da política para que a gente pudesse absorver deles todas as con-

⁸ Cf. <https://www.camara.leg.br/noticias/1204103-governo-anuncia-medidas-para-valorizar-pajes-e-saberes-indigenas/>.

tribuições que pudessem nortear a elaboração da minuta dessa portaria. [...] Nós já realizamos seis conferências nacionais. Estaremos realizando a sétima conferência no ano que vem. [...] No Brasil ainda há vazios assistenciais. [...] Nós temos um desafio muito grande para garantir a eliminação de doenças determinadas socialmente aqui no nosso país. Vivemos num cenário e de clima tropical em que a malária, oncocercose, a tungíase ainda são realidades (Cris, 2015, a partir do minuto 46:12).

Tapeba também destacou os esforços dos coletivos para organizar o primeiro seminário nacional que discute os Impactos das Mudanças Climáticas na Saúde Indígena brasileira, rumo à COP30.⁹ A ministra brasileira dos povos indígenas, Sônia Guajajara, afirma que na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas realizada na Amazônia brasileira, em 2025, o desafio é tornar a edição não só a maior, mas também a melhor no que se refere à participação indígena (Brasil, 2024). Esse é, sem dúvida, um reconhecimento do quanto os povos originários estão ligados aos cuidados com a saúde da Terra como corpo coletivo que demanda cuidados.

Entre especialistas nos estudos sobre saúde indígena existe a visão de que o conceito de atenção diferenciada ainda precisa ser operacionalizado nas diferentes instâncias do SUS e do próprio Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (Langdon, 2004). Destaca-se que não se conseguiu desenvolver diretrivas que orientem efetivamente as equipes de saúde (Ferreira, 2013), que operam com uma visão estereotipada sobre as medicinas tradicionais indígenas (Langdon, 2007). Estudos apontam que, para além da dificuldade de respeitar as diferenças culturais, existe a necessidade de pensar as tecnologias estatais como elemento de disputas por enfoques de acesso à saúde entre “colonizadores e colonizados”. Esses estudos orientam que é necessário reconhecer que o aprofundamento nas formas próprias de cosmovisão e de organização política das etnias pode iluminar tanto as práticas de atenção à saúde desses povos, quanto as visões de mundo relativas à saúde humana em geral que, segundo as concepções indígenas, está ligada à própria saúde dos biomas que habitamos.

⁹ 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). Trata-se do principal evento global para debater as mudanças climáticas.

Para aproveitar exposições museográficas como espaços de encontros com potencial para a construção de hegemonias culturais mais inclusivas, propomos o museu como tecnologia social voltada para um diálogo possível entre culturas, conectando a visão dos pajés com o público em geral, em especial profissionais dos serviços de saúde, que venham a apreciar elementos simbólicos acerca da produção da saúde apontados por culturas indígenas, de modo que esse diálogo possa influenciar suas práticas cotidianas, impondo caminhos de integração e respeito.

Museologia decolonial e processos colaborativos com povos indígenas

Se a gente não guardar nossa história, como os curumins vão se reconhecer? Na minha cidade não tem uma linha sobre os Pitaguary. Isso é dizer que você não existe, que você não tem identidade (pajé Barbosa).¹⁰

Embora frequentemente utilizados como sinônimos em português, os termos *decolonial* e *descolonial* possuem sentidos distintos. Entende-se por ‘descolonial’ uma ação ou processo de descolonizar, ou seja, de desfazer, desmontar ou reverter um estado ou situação colonial. Já o termo ‘decolonial’ busca um posicionamento contínuo de resistência, transformação e produção de novas formas de viver e de saberes, reconhecendo que a herança colonial não pode ser completamente desfeita, mas sim pensada e lidada a partir dela. A supressão do “s” foi proposta por Catherine Walsh para distinguir a perspectiva decolonial do sentido clássico de descolonizar:

Pedagogias decoloniais seriam aquelas construídas e ainda a serem construídas: em escolas, faculdades, universidades, dentro de organizações, em bairros, comunidades, movimentos e nas ruas, entre outros lugares. Elas tornam visível tudo o que o multiculturalismo esconde e ilude, incluindo

¹⁰ Pajé Barbosa (*in memoriam*). Associação para Desenvolvimento Local Coproduzido (Adelco). Fórum consolida Rede de museus indígenas do Brasil. Disponível em: <https://adelco.org.br/2015/05/21/forum-consolida-rede-de-museus-indigenas-do-brasil/>. Acesso em: 29 out. 2024.

a geopolítica do conhecimento, a topologia do ser e a teleologia identitário-existencial da diferença colonial. Essas pedagogias integram questionamento e análise crítica, ação social transformadora, mas também insurgência e intervenção nos campos do poder, do conhecimento e do ser, e na vida; aquelas que incentivam uma atitude insurgente, decolonial e marginalizada (Walsh, 2009, p. 14, tradução nossa).

Também no seio do trabalho dos museus, a partir das últimas décadas, as discussões sobre descolonialidade e decolonialidade passam a pulsar com mais força. Os museus ocidentais, principalmente os etnográficos, começam a ser pressionados por suas práticas e constituição de seus acervos em épocas coloniais. Num esforço para descolonizar as coleções, alguns museus atuam para repatriar objetos culturais que foram adquiridos em processos de colonização. Assim, atualmente, museus buscam mudar sua relação e comunicação com a sociedade e muitos se lançaram em projetos decoloniais ou descoloniais, visando processos museológicos mais dialógicos, especialmente com as comunidades associadas às suas coleções, como os povos indígenas (Russi, 2022).

A museologia, em sua abordagem decolonial, surgiu como uma resposta crítica às estruturas coloniais presentes nos museus e à produção de conhecimentos museológicos que perpetuavam – e, por vezes, ainda perpetuam – narrativas coloniais e eurocêntricas, marginalizando culturas não ocidentais (Soares; Leshchenko, 2018). Esse movimento ganhou força com a ascensão dos estudos pós-coloniais e a crescente conscientização sobre a necessidade de inclusão e representatividade multicultural no protagonismo das narrativas de museus (Soares, 2020).

Nessa perspectiva, a museologia busca reavaliar e transformar as suas práticas museológicas, promovendo uma abordagem colaborativa com os povos originários. Essa relação se dá de várias maneiras. Por exemplo, por meio de colaborações diretamente com comunidades indígenas para cocriar exposições que considerem suas histórias, culturas e pensamento, e possam contribuir para que essas produções sejam autênticas e respeitosas. E mais: possam criar narrativas que refletem as vozes e as experiências dos povos originários ao utilizar suas próprias palavras e artefatos; e,

ainda, por meio de ações de educação e comunicação que fomentem a sensibilização da sociedade sobre a história e mitologias das culturas indígenas, desafiando estereótipos e visões colonialistas.

Na esfera da gestão de museus, uma importante ação se dá por meio da implementação de políticas de inclusão que assegurem a participação ativa dos indígenas na tomada de decisões da instituição, no que se refere a acervos e narrativas pertencentes a esses povos. Tais práticas visam não apenas a inclusão, mas também a reparação histórica das culturas indígenas dentro de uma perspectiva museológica decolonial.

Para Françoise Vergès, cientista política e ativista francesa, o “pós-museu”, para ser verdadeiramente decolonial, “terá de estar engajado com a abolição da ordem mundial atual, o que implica que o pós-museu assuma um posicionamento antirracista, antipatriarcal e anti-imperialista” (Vergès, 2024, p. 19; 75). Desta forma, para decolonizar o museu, é necessário torná-lo verdadeiramente mais inclusivo e diverso.

Por esse ângulo, a criação de museus indígenas também é uma importante ação de valorização da cultura dos povos originários.

Ora como espaço de luta e reivindicações e busca de reconhecimento, ora como espaço pedagógico associado à escola indígena e/ou para fortalecimento cultural para as relações internas e externas com não indígenas, os museus indígenas vêm ocupando de maneira irreversível uma posição. Ajudam-nos a ver como um museu pode ser diferente, pois é formado diferentemente. Ainda, impactam as ações museais de museus etnográficos, provocando uma participação indígena ativa nos processos museográficos, curatoriais e de pesquisa (Cury, 2016, p. 12-15).

Protagonismo indígena, museus e sociedade

Como resultado de toda a documentação, legislação e pressões articuladas coletivamente, um crescente movimento de protagonismo indígena vem sendo testemunhado nas últimas décadas, quando as vozes dos povos originários têm se levantado com força, reivindicando seus direitos, preservando culturas e influenciando

decisões políticas e sociais. Esse movimento é fundamental para a construção de uma sociedade que reconheça e respeite a diversidade e a riqueza das culturas indígenas. O caminho para um futuro em que o protagonismo indígena seja plenamente reconhecido “passa pela educação, pela conscientização e pelo apoio às lideranças indígenas”.¹¹ É essencial que a sociedade se engaje e apoie essas vozes, promovendo a valorização das culturas indígenas para a construção de um mundo mais inclusivo, sustentável e justo para os povos originários.

Museus, casas e pontos de cultura indígenas têm crescido no Brasil nos últimos anos. Só no estado de São Paulo, é possível mencionar pelo menos quatro museus indígenas: Museu Worikg (TI Vanuíre, Arco-Íris), Museu Akãm Orãm Krenak (TI Vanuíre, Arco-Íris), Museu Nhandé Manduá-rupá (Aldeia Nimuendaju, TI Araribá, Avaí), Museu Trilha Dois Povos Uma Luta (TI Icatu, Braúna). Também há pontos de memória e cultura indígenas no estado: Casa de Cultura Kariri (Jundiaí), Associação Arte Nativa (Aldeia Filhos da Terra, Guarulhos) e Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã (Aldeia Rio Silveiras, São Sebastião) (Cury, 2021, p. 15). No Amazonas, podemos citar o Museu Maguta, do povo Tikuna, que foi o primeiro museu indígena criado no Brasil, em 1991. Por muito tempo o Maguta foi o único centro cultural do Alto Solimões. O museu desempenha até hoje importante papel na história da luta dos Tikuna e na vida cultural da região.¹²

Cury menciona alguns aspectos importantes a considerar com relação ao trabalho de curadoria compartilhada em instituições museais com grupos indígenas, que podem gerar diferentes ações com base no respeito e na valorização dos povos originários: colaboração, pesquisa-ação, curadoria compartilhada de exposições, requalificação de coleções, etnomuseologia, etnoarqueologia e outras ações “que nos trazem elementos para discussão sobre interações entre agentes indígenas e não indígenas nos procedimentos

¹¹ Cf. portal do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza (CDPDH). Disponível em: <https://www.cdpdh.org.br/protagonismoindigena>. Acesso em: 8 out. 2025.

¹² Disponível em: <https://museumaguta.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2025.

curatoriais, as relações de poder na tomada de decisão, considerando disputas e conflitos". Ela defende que "o protagonismo indígena no museu [é uma] questão essencial a ser difundida [...], tendo os indígenas como atores ativos no processo de curadoria" (Cury, 2021, p. 14).

Ailton Krenak oferece uma visão crítica sobre o lugar da memória no museu, ressignificando esta relação:

Memória, para mim, é algo tão, tão fabuloso que eu acho que ela não cabe num museu. Mas a gente tem essas instituições em todo lugar, no mundo inteiro a gente tem essas instituições e culturalmente a gente supervaloriza elas. Porque a gente precisa delas exatamente para suprir a nossa falta de memória. Então, às vezes, a gente promove uma visita da meninada no museu pra eles conhecerem a sua própria história. Mostrando pra eles aqueles personagens e tal, aquela cena, isso, aquilo... Que é uma maneira muito precária de construir a memória. Toda fragmentada, cheia de recorte, sem nenhum afeto entre os sentidos. E, na maioria das vezes, instituída por imagens ilustrativas (Krenak, 2023, p. 7).

Dirce e Susilene Kaingang, mãe e filha, refletem sobre a experiência de ter um museu na Terra Indígena Vanuíre, Arco-Íris, em São Paulo. Dirce Kaingang fala sobre o que é o museu para ela:

A aldeia, ela é rica com cultura, porque não adianta eu falar a minha língua mãe, se eu não tenho cultura. Tudo faz parte. Tudo faz parte, é cultura, é costume, é alimento, tudo caminha junto. É isso, eu falo com o maior orgulho, nós temos o nosso Museu Worikg, é o nosso Museu, é tradicional, é o Museu onde você pode entrar descalço, pé no chão, é chão, é terra, é sapé, é bambu, não é feito de material (Pereira et al., 2021, p. 24).

Susilene Kaingang comenta sobre como ela vê o museu dentro do seu território indígena:

Meu nome é Susilene, eu vou falar um pouquinho do que é museologia pra mim. É, lá dentro da reserva, a gente tem um Museu que é o Museu Worikg que a minha mãe acabou de falar. O Museu Worikg é um museu diferenciado, é um museu com a cara de Kaingang. A gente recebe visitação o ano inteiro, as visitações lá são agendadas, então não adianta falar assim 'Ah, eu vou lá visitar o Museu Worikg, vou chegar lá e visitar'. Não, todas

as visitações lá são agendadas. E se quiser ir pra sentir mais, aprofundar mais na espiritualidade, no que a gente bebe, na comida, eu falo assim que é melhor que chegue lá e que fica uma noite ou duas que seja, pra gente acender o fogo, assar uma batata, fazer uma comida típica, pra gente sentar em volta da fogueira e conversar [...] É muito importante também deixar bem claro, pra todos, que o nosso Museu é pra guardar memórias e também pra ajudar na nossa sustentabilidade (Pereira et al., 2021, p. 25).

Todo esse movimento faz eco com as orientações da histórica Mesa de Santiago do Chile, que aconteceu em 1972 (Bonatto; Souza, 2023), segundo a qual é fundamental o museu trabalhar sua função social junto às comunidades a que servem, apoiando e trabalhando em conjunto com elas. Por meio desse posicionamento, museus podem contribuir para suas comunidades do entorno, gerar ações que projetem atividades em diversas esferas (históricas, sociais, econômicas), ligando o patrimônio cultural aos sentidos do presente, provocando transformações no âmbito local capazes de influenciar em escala nacional e até global.

A experiência de construção de conhecimentos com os Kaingang e Pitaguary

Os nossos desafios de quem está aqui, eu falo assim, nós mais jovens, é dar continuidade de estar usando nosso adorno corporal, usando nossos instrumentos, acendendo os nossos incensos fazendo as nossas oferendas pros nossos encantados, porque é preciso também alimentar os espíritos de luz. [...] Eu falo assim: esses conhecimentos, como a minha irmã falou, não vêm de uma faculdade, não vêm de uma escola, mas vêm das matas. Vêm do sentar com uma Kujã, de sentar com pajé, de fazer a escuta. Porque é preciso fazer a escuta, mas não adianta eu ficar ali escutando e não colocar na prática, porque a prática é isso daqui (Susilene Kaingang).¹³

Aprendemos que toda a cultura de cuidados de saúde dos povos indígenas Kaingang e Pitaguary passa pelos conhecimentos

¹³ Susilene Kaingang (filha e assistente da pajé Dirce). Registro audiovisual realizado por ocasião da visita do grupo da concepção e desenvolvimento da exposição *Saúde indígena*. Coiós, Terra Indígena Vanuíre, Arco-íris/SP, out. 2023.

dos(as) pajés desses dois povos originários. Cury logo nos alertou que a condição colocada para que o projeto tivesse início, seria o contato ‘presencial’ entre os(as) pajés e as pessoas da instituição envolvidas nessa tarefa, para que começássemos a nos constituir como equipe de trabalho.

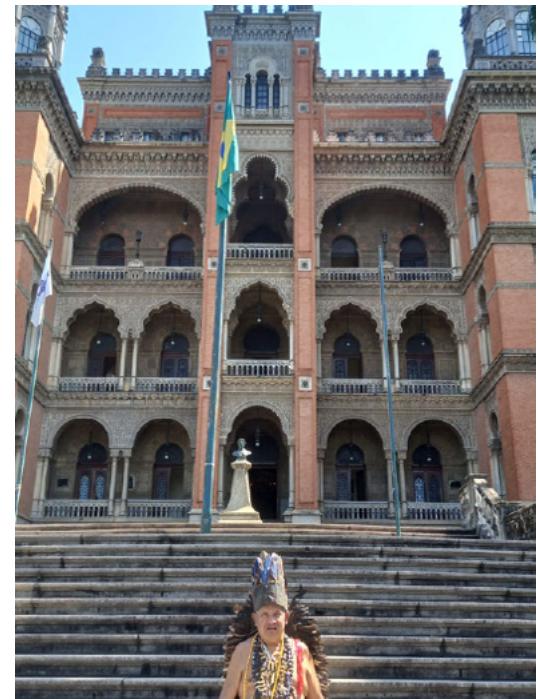
Assim, em 2022, nos preparamos para a visita do pajé Barbosa, com sua filha Francilene Pitaguary, e da Kujã Dirce e sua filha Susilene Kaingang, ao Museu da Vida Fiocruz. A vinda dos Pitaguary e das Kaingang se deu em momentos separados por motivos de doenças de ambos os pajés.

A chegada do pajé Barbosa e de sua filha Fran Pitaguary, em 2022, foi um sopro de alegria no Museu da Vida Fiocruz. Visitamos a Biblioteca, a Reserva Técnica, o Castelo Mourisco e as exposições do museu, como a recém-inaugurada exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis*, no prédio da Cavalariça (figuras 2 e 3).



Figura 2. Visita do pajé Barbosa Pitaguary, da sua filha Francilene da Costa Silva, e da pesquisadora Marília Xavier Cury (MAE/USP) à exposição *Vida e saúde: relações (in)visíveis*, no Museu da Vida Fiocruz, com mediação da educadora Suzi Aguiar. Rio de Janeiro, 2022. Crédito: Jeferson Mendonça / Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

Figura 3. Visita do pajé Barbosa Pitaguary ao Castelo da Fiocruz/Pavilhão Mourisco. Rio de Janeiro, 2022. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.



Na Reserva Técnica do Serviço de Museologia, os nossos visitantes indígenas tiveram acesso ao acervo de peças históricas da saúde e às técnicas para sua manutenção e recuperação (figura 4).



Figura 4. Visita do pajé Barbosa Pitaguary, da sua filha Francilene da Costa Silva, e da pesquisadora Marília Xavier Cury (MAE/USP) à Reserva Técnica do Museu da Vida Fiocruz. Rio de Janeiro, 2022. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

Na Biblioteca de Educação e Divulgação Científica do MVF foram apresentados ao pajé Barbosa e à Francilene os livros da nova coleção Povos Indígenas, criada pela equipe da biblioteca, a partir do movimento de sensibilização gerado no MVF pela exposição colaborativa. A equipe da biblioteca, que também participa da exposição sobre saúde indígena, reuniu livros de seu acervo pertencentes à temática indígena, incluindo livros infanto-juvenis, a fim de trazer informações e pesquisas para a construção da exposição e para os espaços do MVF, assim como apoiar as atividades educativas a serem oferecidas (figura 5).



Figura 5. Visita do pajé Barbosa Pitaguary, da sua filha Francilene da Costa Silva e das pesquisadoras Marília Xavier Cury (MAE/USP) e Ana Pontes (Fiocruz) à Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel / Museu da Vida Fiocruz. Rio de Janeiro, 2022. (Nesse período, devido à pandemia recente, o uso de máscara era opcional). Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

Aos poucos, fomos entendendo a importância que os Pitaguary dedicam às conversas ao pé da fogueira e como a saúde para eles está ligada aos cuidados com cada pessoa, buscando amizade, confiança e as propostas de uma visão de saúde mental coletiva. Foram nossos primeiros três dias com esses novos amigos Pitaguary. Eles se tornaram nossos companheiros nessa empreitada de mobilizar sentimentos, imagens e símbolos para ressignificar a saúde. Nesse contato também soubemos que havia muito mais gente desse povo nos aguardando em terras Pitaguary, e que a luta pela retomada da

totalidade de suas terras também é uma bandeira fundamental na conquista da saúde. Não imaginávamos o valor da alegria de termos conhecido pajé Barbosa pessoalmente até sabermos que sua vida corria risco por força de uma doença negligenciada da qual ele fora vítima: a leishmaniose visceral. Mesmo pedindo todo o apoio da Fiocruz em Pacatuba, não conseguimos contribuir para que sua vida fosse salva. Aprendemos assim que aquelas pessoas queridas corriam o risco do contato com esse agravo de saúde: uma doença para a qual não há cura e que mesmo assim encontra poucos recursos para o seu tratamento em meio aos povos indígenas, ao ponto de uma liderança importante se tornar sua vítima sob total ausência de recursos para sua recuperação. Essa perda fatal nos deu a exata dimensão da seriedade do assunto tratado na exposição.

No processo de reconhecimento do ambiente da Fiocruz e de sua equipe, a viagem das Kaingang ao campus da Fiocruz se deu com a mesma intensidade. Depois de alguns meses, no ano de 2023, recebemos no MVF a visita da Kujã Dirce Kaingang e de sua filha e assistente espiritual Susilene. Essa visita se deu por ocasião da Semana do Meio Ambiente, cujo dia é comemorado no 5 de junho. A riqueza dessas presenças também foi de grande expressão para nós, pois tivemos a oportunidade de ouvi-las na formação de nossos estudantes e educadores (figuras 6 e 7).



Figura 6. Formação para mediadores do MVF e Educação de Jovens Adultos (EJA), realizada pela Kujã Kaingang Dirce, sua filha Susilene e as pesquisadoras Marília Xavier Cury, Paula Bonatto e Ana Cláudia (EPSJV/Fiocruz) por ocasião da Semana do Meio Ambiente. Rio de Janeiro, 2023. Crédito:

Guilherme de Oliveira / Acervo Museu da Vida Fiocruz.



Figura 7. Formação para mediadores do MVF e EJA, realizada por Kujás Kaingang por ocasião da Semana do Meio Ambiente. Susilene Kaingang em destaque na foto. Rio de Janeiro, 2023. Crédito: Guilherme de Oliveira / Acervo Museu da Vida Fiocruz.

Nossa equipe também foi convidada para uma visita às aldeias Kaingang (Rio Coiós, Terra Indígena Vanuíre, SP) e Pitaguary (Monguba, CE) para ações de continuidade, quando gravamos e transcrevemos falas que espelham em profundidade o pensamento dessas culturas sobre saúde. A pajé Dirce e Susi Kaingang, sua filha e assistente, trouxeram a força de mulheres que lutam para manter suas tradições vivas, diante de uma realidade que tenta calar suas expressões de Kujás em uma cultura que tende a se diluir sob as pressões de religiões do Ocidente, entre muitas outras pressões. A persistência dessas mulheres indígenas e sua alegria nos contagiou e nos animou a seguir na busca de caminhos entre nossas culturas.

O processo de curadoria indígena compartilhada: como chegamos até aqui?

Nós, pajés, nós não estamos só na nossa aldeia. Nossa aldeia não só é aqui, a nossa aldeia é o mundo. Aonde a gente estiver, a gente tem por obrigação de saber como é que aquelas crianças estão vivendo, como é que essas

crianças estão se conectando com a natureza, fazendo parte dela. Pois, a gente não se separa, por mais distante que a gente esteja. A Terra está ali, a Lua está ali para todos nós, o Sol está ali... não tem separação. [...] para ser pajé ou ser seguidora, a gente tem que ter uma linguagem de conquista. Nós temos que conquistar. Porque o passado, ele precisa ainda estar muito presente hoje para nós sobrevivermos. E se nós não respeitarmos a vida, a gente automaticamente está desrespeitando, destruindo a nossa existência (pajé Francilene Pitaguary).¹⁴

Ouvir, ouvir, ouvir, parar, reverenciar, silenciar, refletir, ouvir, registrar e interiorizar no pensamento e na prática os novos conhecimentos adquiridos. Essas foram as orientações metodológicas que recebemos da museóloga e pesquisadora Marília Cury, desde o início e em todos os nossos encontros. Quanto aos novos conhecimentos adquiridos, poderíamos fazer uma lista de conteúdos aos quais fomos sendo expostos ao longo do tempo, mas seria uma visão reducionista pois o contato com duas novas culturas étnicas, que revelam durante todo o tempo formas peculiares de ver o mundo são experiências de aprendizado que nos colocam de forma transformada diante da vida. Dar de comer às galinhas com as Kaingang, carregar água no balde com os Pitaguary, cantar e dançar músicas que falam da fé na natureza são aprendizados profundos que vêm acompanhados de densa filosofia desses povos e de sua ancestralidade.

As pajés têm orientado todas as etapas, reuniões e decisões relativas ao projeto. Nós, como profissionais ansiosos por manifestar ideias e por concretizar nossas visões, fomos nos dando conta do quanto a postura colonial se expressa nas decisões apressadas, nos encaminhamentos “óbvios”, nos calendários corridos. Não. Nada disso seria prioridade nesse processo, e sim as pajés, suas possibilidades e limites, suas orientações e anseios, suas memórias de dor e de abertura para esse trabalho (figura 8).

¹⁴ Pajé Francilene Pitaguary. Registro audiovisual realizado por ocasião da visita do grupo da concepção e desenvolvimento da exposição sobre saúde indígena à Aldeia Monguba, da etnia indígena Pitaguary. Pacatuba/CE, março de 2024.

Figura 8. pajé Barbosa usando seu cachimbo sagrado na retomada da Pedreira Sagrada. Aldeia Monguba Pitaguary, Pacatuba/CE, 2013. Crédito: Alex Hermes / Acervo Pitaguary.



Nós nos deparamos, em meio aos encontros com nossos colegas indígenas, com a preocupação em estabelecer relações financeiras justas, com a necessidade de expressar anseios e com alegres rituais de canto em todas as aberturas e encerramentos de trabalhos, para trazer bênçãos e boas energias para os processos de criação. Encontramos, ainda, a possibilidade de nos emocionarmos, derramar lágrimas, e depois seguir em frente. Em um de nossos processos de formação foi explicado, por Sandra Benites, da etnia Guarani, que o ato de chorar muitas vezes é fruto de memórias coletivas que permanecem no inconsciente, fruto de relações injustas e violentas que não podem mais ser ignoradas, pois estão impressas na própria história de musealização de artefatos indígenas.

Após a realização das visitas dos(as) pajés Kaingang e Pitaguary ao Museu da Vida Fiocruz nos anos de 2022 e 2023, foi então estabelecida a relação de confiança necessária para o início dos trabalhos e a concepção da exposição.

Conforme convite feito pelas pajés Kaingang à equipe do projeto no Museu da Vida Fiocruz, um grupo com quatro profissionais do MVF e um cinegrafista (Vídeo Saúde/Fiocruz) visitou a Terra Indígena Vanuíre, em Arco-Iris, Rio Coiós/SP, em outubro de 2023, quando Cury, pesquisadora do MAE-USP, já aguardava o grupo para o encontro, com a Kujã Dirce e sua filha e assistente de pajé Susilene Kaingang e com uma das curadoras Pitaguary, pajé Francilene. Lá, o grupo esteve por cinco dias, com o objetivo de dar início ao desenvolvimento da exposição, conhecer melhor a história e cultura Kaingang e fazer registros para o projeto (figura 9).



Figura 9. Desenvolvimento da primeira versão do desenho e do argumento curatorial da exposição, em visita da equipe Museu da Vida Fiocruz às Kaingang. Foto no Museu Worikg, com Francilene da Costa Silva (pajé Pitaguary), a pesquisadora Marília Xavier Cury (MAE-USP), Dirce Jorge (pajé Kaingang) e sua filha, Susilene (assistente de pajé Kaingang). Terra Coiós/Terra Indígena Vanuíre, Arco-Iris/SP, 2023. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

Entre tantas preocupações e expectativas levadas na viagem, tivemos de começar a deixar de lado todas as nossas “certezas” acerca das técnicas do mundo acadêmico e científico, dando lugar e prioridade à sabedoria ancestral, à escuta, e à aprendizagem de novos procedimentos curatoriais. O tempo que, para nós não indígenas, parecia extremamente curto, revelou-se muito maior do que imaginávamos; foi o tempo certo, por meio do qual o grupo foi encontrando sua sintonia. E destes cinco dias de reflexões, surgiu o primeiro desenho da exposição e o eixo central e estruturante

de seu conteúdo e circuito narrativo, construído de forma artesanal, para atender a dinâmica e a lógica do pensamento indígena da saúde pela espiritualidade. Essa lógica mostrou-se muito sábia, pois as poucas tecnologias eletrônicas se associaram às tecnologias sociais, considerando a valorização da ancestralidade, o resgate de memórias por meio da oralidade, um trabalho realizado a muitas mãos, a partir do momento de verdadeira conexão do grupo.

Na volta, trazíamos a missão de transformar tudo o que foi dito, escrito e desenhado, em uma primeira planta da exposição, para que pudéssemos dar andamento ao seu desenvolvimento e alterar o que fosse necessário nos próximos encontros ou reuniões. Esse processo gerou um primeiro mapa conceitual da exposição, o qual reuniu papeis com anotações organizadas segundo a orientação das pajés em diálogo com a equipe (figura 10).

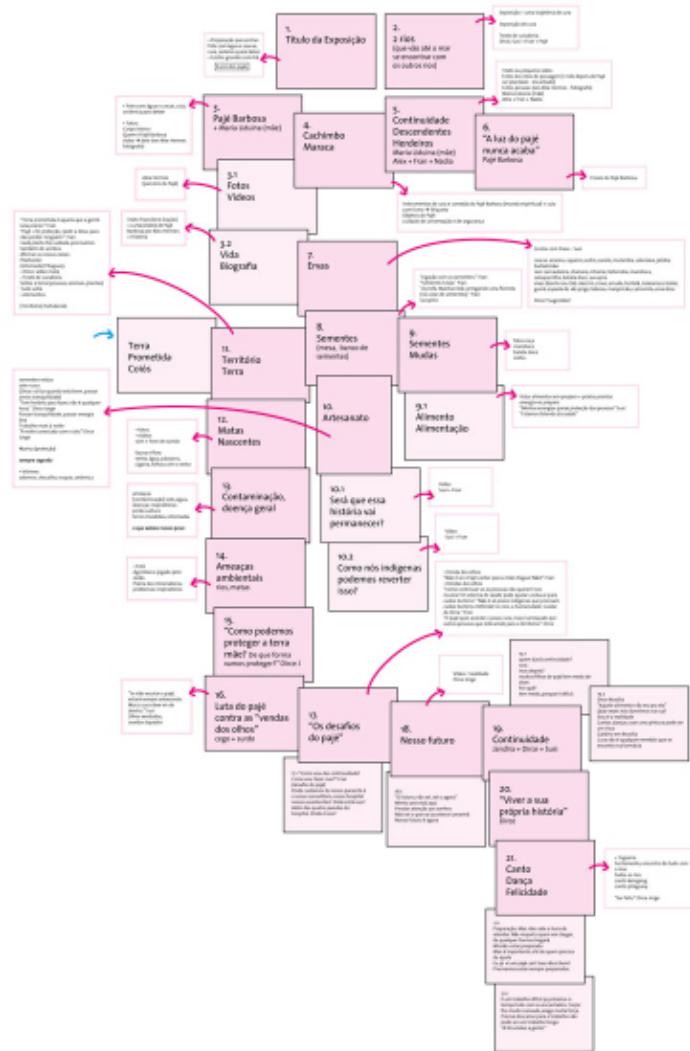


Figura 10. Mapa conceitual inicial da exposição Saúde Indígena, Rio de Janeiro, 2023. Fonte: Museu da Vida Fiocruz.

Esse mapa conceitual propiciou a construção da primeira planta baixa (figura 11), resultado da visita ao povo Kaingang, desenvolvida pela designer da equipe do MVF após retorno ao Rio de Janeiro, a partir dos desenhos e conversas com as curadoras indígenas. A área representada corresponde às salas 307 e 308 do Castelo Mourisco da Fiocruz, que dispõe de 255 m² (35 m x 7,5 m), sendo então o primeiro esboço do roteiro da exposição.

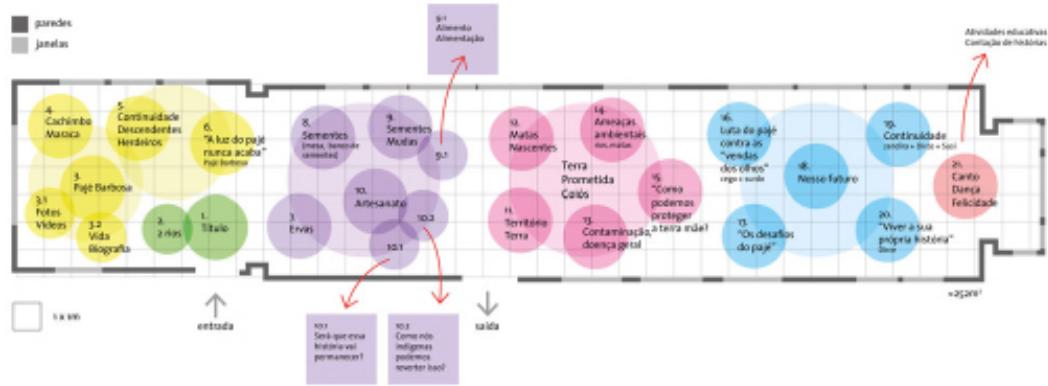


Figura 11. Primeiro estudo de distribuição temática da exposição sobre a planta baixa das Salas 307 e 308 do Pavilhão Mourisco, Castelo da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2023. Fonte: Museu da Vida Fiocruz.

Esse esboço da exposição contemplou os temas abordados durante os encontros no Coiós, Terra Indígena Vanuíre, pelas curadoras Kaingang e Pitaguary. Os conteúdos foram representados por cinco temas principais e seus subtemas, os quais compõem os módulos (representados na planta baixa por cores, em forma circular). Esses temas foram descritos como: o pajé e seu papel; os ancestrais e familiares; as sementes e todas as suas formas: alimentos, adornos, remédios, proteção, florestas; os desafios dos povos e do pajé; e o espaço da fogueira sagrada.

No ano seguinte, em março de 2024, foi então realizada a visita ao povo Pitaguary, no Ceará. A expedição teve como participantes a pajé Kaingang Dirce, e sua filha e assistente Susilene Kaingang, uma consultora do MAE/USP, a coordenadora do projeto, dois educadores e uma designer do MVF, um cinegrafista do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e os três pajés Pitaguary, totalizando onze pessoas em trabalhos de campo, que se reuniram com diversas lideranças do povo Pitaguary para conhecer a comunidade e refletir sobre temas pertinentes à exposição (figuras 12 e 13).



Figura 12. Conhecendo o salão da Casa de Apoio Comunitário Pitaguary. Aldeia Monguba, da etnia indígena Pitaguary, Pacatuba /CE, 2024. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

A visita à Aldeia Pitaguary teve como principais objetivos: a finalização da planta baixa e revisão do roteiro oficial da exposição; reunião de elementos para a finalização de projeto detalhado da exposição; detalhamento da expografia a ser construída com a orientação de curadores indígenas; detalhamento de elementos expositivos indígenas a serem encomendados, custos de confecção e transporte de elementos expositivos artesanais a serem construídos pelos povos envolvidos; detalhamento dos encontros a serem realizados entre participantes da montagem da exposição até sua inauguração; detalhamento dos responsáveis pela proposta educativa da mesma e previsão de encontros necessários para a consolidação da proposta.



Figura 13. Visita ao Museu Indígena Pitaguary. Aldeia Monguba, da etnia indígena Pitaguary, Pacatuba /CE, 2024. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

Para além dos objetivos aqui descritos, muito aprendizado e vivências também foram realizados nesta etapa junto ao povo Pitaguary. Tivemos acesso a histórias e memórias de saberes ancestrais, e a percepção do valor de bens imateriais que ambos os povos trazem e que só puderam ser conhecidos, aos poucos. Durante o tecimento das relações construídas ao longo desses dias de conexão e vivências compartilhadas, enriquecemos nossas reflexões sobre metodologias colaborativas entre museus e povos originários:

[...] o diálogo interdisciplinar é fundamental, como também a perspectiva de inovação no que diz respeito às metodologias de trabalho, mas, acima de tudo, a pesquisa em Museologia aplicada às questões indígenas evidencia o quanto os museus podem construir conhecimento novo, cujos resultados extrapolam os domínios científicos canônicos e podem interferir nos cenários das políticas públicas para a educação e cultura (Bruno, 2016, p. 31).

Alguns meses depois, em maio de 2024, foi realizado novo encontro, dessa vez no Rio de Janeiro, quando, durante quatro dias, nos reunimos na Biblioteca de Obras Raras da Fiocruz, localizada no Castelo Mourisco, prédio histórico desta instituição. Reuniram-se as curadoras indígenas Kaingang e Pitaguary e as equipes do MAE-USP e do MVF envolvidas no projeto, estando simbolicamente acompanhados, em imagem num telão na parede, ao fundo, da equipe do próprio Oswaldo Cruz, formado por cientistas da época, numa linha integradora entre passado, presente e futuro, em união para a saúde humana, concretizando a convocatória do pajé Barbosa de anos atrás, como a fotografia nos revela (figura 14).

Figura 14. Reunião geral da equipe da exposição com curadoria compartilhada entre as Kaingang e Pitaguary, profissionais do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e do Museu da Vida Fiocruz, na Biblioteca de Obras Raras, Castelo da Fiocruz, Rio de Janeiro, 2024. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.



Durante o encontro foram realizadas atividades que envolveram a visita ao local da exposição (salas 307 e 308 do Castelo da Fiocruz/Pavilhão Mourisco) com revisão do roteiro, a consolidação da proposta expográfica com discussão de mobiliário, iconografia, objetos e artesanatos voltados para a materialização da exposição; reunião de elementos para a finalização de projeto detalhado da exposição (figura 15); e pactuação de etapas para a finalização do projeto executivo.

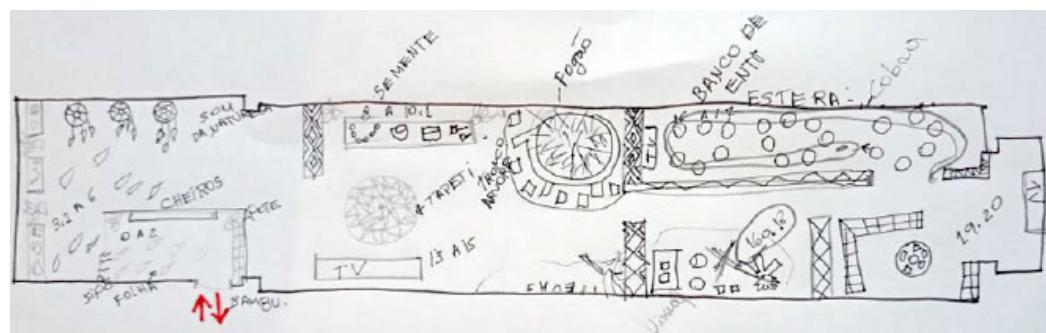


Figura 15. Desenho da Nádia Pitaguary que deu a direção para o desenho da planta baixa final da exposição, durante a reunião da equipe de trabalho na Biblioteca de Obras Raras, Castelo da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2024. Crédito:

Também foi realizada visita ao Museu Nacional dos Povos Indígenas (Funai, antigo Museu do Índio, no Rio de Janeiro) para a identificação de possíveis peças *Kaingang* para a exposição (figura 16).



Figura 16. Visita de membros da equipe curadora ao Museu Nacional dos Povos Indígenas para seleção de itens do acervo Kaingang existente neste museu. Rio de Janeiro, 2024. Crédito: Acervo dos autores / Museu da Vida Fiocruz.

ConversAções para transFormar

O que vem da Terra, tudo é sagrado. O processo da pequena semente se transformar em várias vidas. E essa vida, a gente transforma em nós. [...] isso mostra que uma simples pintura é uma grandeza de sabedoria do nosso povo, dos nossos ancestrais. Está mostrando que em tudo que a gente faz, a gente tem um rito. O rito da pintura, o rito do alimento, o rito do plantar, o rito do colher, o rito do transformar as sementes em algo que protege. [...] Tem hora que eu sou árvore, tem hora que eu sou lobo, tem hora que eu sou pantera, tem hora que eu sou uma simples flor, que fica ali observando e sentindo a energia do Sol. Essa é a ligação que nós, pajés, temos com a natureza, mostrando que tudo é cura. Mas para que eu tenha essa cura, eu preciso cuidar. Preciso cuidar dessa semente para que os meus antepassados possam também se sentir representados e também que eles possam vir me fortalecer. E, assim como as nossas crianças, quando pegarem o urucum, elas também vão sentir esse respeito. Elas vão saber respeitar o processo da transformação da vida, o processo das transformações da semente, das matas e de nós mesmos (pajé Francilene Pitaguary).¹⁵

Todo o movimento de aproximação com os indígenas já começou a impactar e sensibilizar os profissionais do Museu da Vida Fiocruz. Além disso, temos trabalhado para que nossos contatos com indígenas reverberem por toda a instituição e temos convicção de que a exposição virá a contribuir muito para isso.

Em 2023 realizamos o 24º aniversário do Museu da Vida em colaboração com a Aldeia urbana Maracanã/RJ, com uma semana de encontros cheios de cantos e contações de histórias voltadas para a vida e saúde. Na ocasião tivemos a oportunidade de compartilhar práticas de pintura corporal e aprender com as frentes educativas da Aldeia Maracanã. A organização de mulheres da Aldeia, representada por participantes do Matriarcado Ancestral, conduziu nosso Encontro de Professores, quando conhecemos os projetos dessa Aldeia de criação da Universidade Indígena Pluriétnica.

¹⁵ Pajé Francilene Pitaguary. Registro audiovisual realizado por ocasião da visita do grupo da concepção e desenvolvimento da exposição sobre saúde indígena à Aldeia Monguba, da etnia indígena Pitaguary. Pacatuba/CE, mar. 2024.

Outro âmbito de influência que merece ser citado foi o reconhecimento por parte de gestores da Casa de Oswaldo Cruz de que a valorização dessa participação intercultural deve passar pela reconfiguração de processos de gestão em uma instituição que está moldada para o reconhecimento de saberes por meio de certificados acadêmicos. O fato de encontrarmos caminhos para o aporte de conhecimentos com a inserção remunerada da participação de lideranças indígenas nos projetos, foi considerado uma inovação nas políticas públicas de promoção da saúde da Fiocruz. Essa forma de inovação na gestão foi documentada pela Fundação de Apoio à Fiocruz, a Fiotec, por meio de seu podcast *Conecta Fiotec*.¹⁶

Em 2024, o MVF organizou o seminário ConversAções para transformar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz, quando tivemos a honra de receber a curadora, educadora e pesquisadora Guarani Nhandewa Sandra Benites, para falar sobre o tema “Saberes ancestrais e ciência” (figura 17). Sandra mencionou a importância de que se tenha, em instituições, e também na esfera política, a presença física de uma pessoa indígena, e pontuou a falta de debate sobre a presença desses corpos racializados, dentro de um sistema ocidental branco, que é excludente e que dificulta a incorporação de outras perspectivas, como os saberes indígenas. Segundo Benites, a escola, a universidade, partes estruturantes de um enorme sistema social, cumprem muitas vezes o papel de embranquecer e colonizar a pessoa indígena, exercendo sobre ela diversas formas de violência. Sandra finalizou sua fala dizendo que não é possível voltar ao passado, ou reverter todas as violências direcionadas aos indígenas e a degradação causada ao meio ambiente, mas é possível ressignificar: “Escutar e pensar juntos. Não tem receita pronta. É preciso pensar, enquanto humanos, como podemos criar outros caminhos, coletivamente” (Benites, 2024).

¹⁶ Fiotec é uma instituição que apoia a Fiocruz no desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação em saúde. O *Conecta Fiotec* é o podcast da Fiotec que traz temas importantes sobre o universo das fundações de apoio, órgãos com quem elas se relacionam e sobre projetos apoiados pela Fiotec em relação à Fiocruz. Episódio 10 “Exposição Saúde Indígena”. Disponível pelo Spotify: <https://open.spotify.com/episode/5KchhjC4TWI2R55OKwjE4o>. Acesso em: 10 out. 2024.



Figura 17. Seminário ConversAções para transFormar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz. Palestra “Saberes ancestrais e ciência”, com Sandra Benites, pesquisadora, curadora e diretora de Artes Visuais da Funarte. Rio de Janeiro, 2024.

Crédito: Marcus Duarte / Acervo Museu da Vida Fiocruz.

No âmbito do seminário ConversAções para transFormar: 25 anos de Museu da Vida Fiocruz, além da palestra com Sandra Benites Guarani Nhandewa, a equipe organizadora da exposição foi convidada a ministrar uma oficina aberta para trabalhadores e estudantes do MVF, em especial para os mediadores/educadores, aqueles que recebem o público. Esta oficina foi denominada “Visões da saúde pela sabedoria de pajés”,¹⁷ a qual teve como objetivo pedagógico promover um diálogo sobre este tema, orientado pelas falas das pajés e pelo pensamento de Paulo Freire. Partimos do princípio de que a realidade que atravessamos hoje, em que a injustiça social, a destruição da natureza, a perda de valores se aprofundam, demanda que possamos gerar ‘inéditos viáveis’ que iluminem novas formas de percorrer os caminhos coletivos (Freire, 2014).

Desse modo, trouxemos para a oficina o pensamento indígena Kaingang e Pitaguary. O texto da proposta explicava que, dentro do universo indígena, os pajés/Kujás/Manjés são pais e mães que tecem pontes entre mundos por meio de ritos de cura e de proteção, que são seres que personificam nas diversas culturas indíge-

¹⁷ Oficina “Visões da saúde pela sabedoria de pajés”, como parte do I Seminário ConversAções para transFormar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 2024.

nas as expressões do pensamento em saúde integral, reunindo o corpo individual e o corpo social. A proposta da atividade foi então escutar as falas das pajés e destacar aspectos de seu pensamento tecendo reflexões: Como esses pensamentos nos tocam? Quais portas da percepção nos abrem? Quais caminhos nos apontam?

Para o desenvolvimento dos trabalhos, os participantes (cerca de setenta pessoas, entre estudantes, educadores e trabalhadores do MVF, como já mencionado) foram divididos em nove grupos e abordaram os seguintes temas, a partir de textos das falas das pajés: (Grupo 1) O que é ser pajé?; (Grupo 2) Nosso mundo e nossos ritos; (Grupo 3) O ser humano é um ser de cura (figura 18); (Grupo 4) O trabalho com sementes: adorno e proteção; (Grupo 5) O poder do cachimbo; (Grupo 6) O poder do sagrado (figura 19); (Grupo 7) O iaué: som sagrado de cura; (Grupo 8) Os desafios dos pajés e dos povos indígenas; (Grupo 9) A pintura como ritual (figura 20).

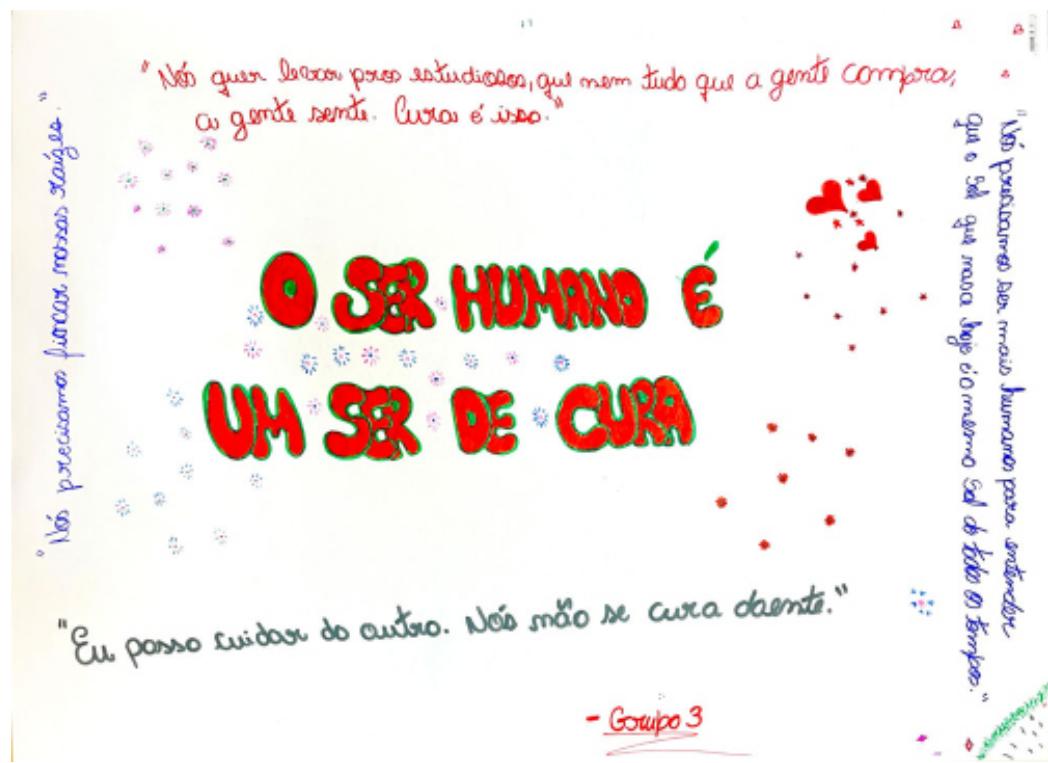


Figura 18. Cartaz elaborado pelo Grupo 3 – O Ser Humano é Um Ser de Cura, da oficina “Visões da saúde pela sabedoria de pajés” (I Seminário ConversAções para transFormar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz). Rio de Janeiro, 2024. Crédito: Acervo Museu da Vida Fiocruz.

Figura 19. Cartaz elaborado pelo Grupo 6 – O Poder do Sagrado, da oficina “Visões da saúde pela sabedoria de pajés” (I Seminário ConversAções para transFormar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz). Rio de Janeiro, 2024. Crédito: Acervo Museu da Vida Fiocruz.

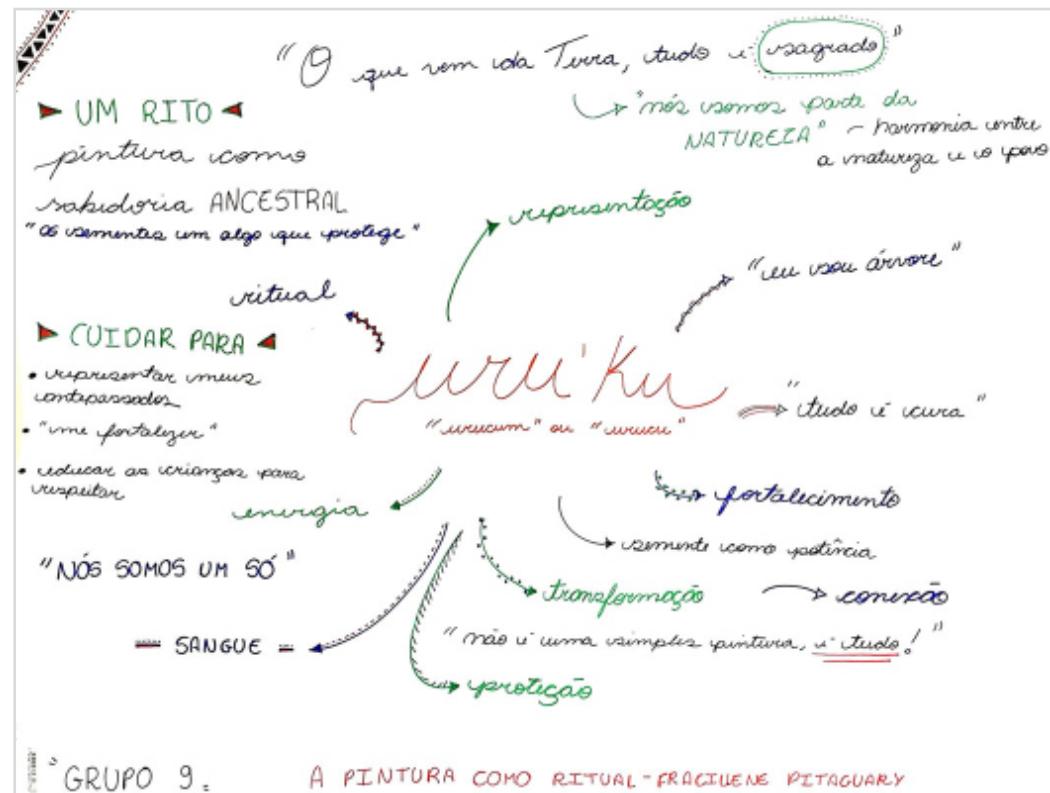


Figura 20. Cartaz elaborado pelo Grupo 9 – A pintura como ritual, da oficina “Visões da saúde pela sabedoria de pajés” (I Seminário ConversAções para transFormar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz). Rio de Janeiro, 2024.

Crédito: Acervo Museu da Vida Fiocruz.

Os grupos leram textos relativos às falas das pajés, discutiram o sentido nas relações interculturais e em nosso dia a dia, realizaram sínteses desses pensamentos e destacaram palavras-chave e inter-relações entre conceitos. Observamos que as leituras criaram espaços para reflexões inusitadas, aportando visões que somente povos originários poderiam trazer a partir de sua relação com a natureza, com a espiritualidade e com seus valores voltados para a irmandade entre todos os seres vivos. Os resultados foram além do que esperávamos, pela forma com que os grupos expressaram afinidades com falas das pajés, valorizando-as e manifestando por meio de desenhos e jogos de palavras a integração com o pensamento daquelas lideranças indígenas. Os desdobramentos se darão com a abertura da exposição, quando jovens bolsistas universitários da Fiocruz estarão ao lado de jovens bolsistas indígenas no acolhimento ao público da mostra e na execução de suas atividades educativas.

Considerações finais

As reflexões sobre os resultados dessa construção intercultural de curadoria compartilhada entre museus e povos indígenas ainda estão em processo. No momento, estamos mergulhando no universo das plantas sagradas indicadas pelas pajés, o que nos levou a um intenso intercâmbio com o Horto de Plantas Medicinais da Fiocruz (Palácio Itaboray, Petrópolis/RJ). Ali, sob a orientação do prof. Sérgio Monteiro, estamos identificando espécies e plantando os exemplares que estarão na exposição. Tivemos o cuidado de redigir – a pedido do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz – um caderno com orientações de conservação e prevenção de risco de infestação biológica para a exposição *Saúde indígena*, tendo em vista que ela acontecerá no Castelo da Fiocruz/Pavilhão Mourisco, no mesmo andar em que está situada a Biblioteca de Obras Raras da Fiocruz, uma coleção histórica. Portanto, realizar uma exposição indígena, com objetos orgânicos, num prédio histórico restaurado, tem sido um grande desafio e vem trazendo muitos aprendizados.

Por meio da exposição, partimos para a musealização desse novo e amplo universo que se abre, ao conhecermos o campo da

saúde iluminado pelas visões indígenas. É na intercessão entre esses dois campos - saúde e museus - que construímos sentidos para discutir a importância do protagonismo dos povos originários.

Da mesma forma que, no passado, os museus exercitaram a apropriação colonial de corpos indígenas, o mesmo se deu em processos institucionais de desrespeito à diversidade de formas de produção da saúde, visando o controle do “que é do outro, ou o próprio outro” (Freire, 2014), seja o corpo-matéria ou os corpos imateriais cujas expressões estão em cada cultura, tudo em função do “poder de posse e o controle do que é físico e simbólico” (Freire, 2014).

Hoje, um dos principais sentidos que a exposição *Sopro da Floresta: a cura que vem da terra* assume é valorizar o papel do museu como mediador, oportunizando aos povos Kaingang e Pitaguary o protagonismo na expressão de seu entendimento sobre saúde, veiculando ideias, realidades e criações desses povos.

Para os povos indígenas, não há uma divisão entre o mundo físico e o mundo espiritual. Por isso, em todas as nossas reuniões com as pajés, elas sempre abriram os trabalhos e os finalizaram com cantos, pedindo bênçãos dos ancestrais para que nos auxiliasssem nesse processo, que abrange o respeito e a valorização cultural dos povos originários e suas visões de mundo. Assim, finalizamos com essa reflexão:

A gente dança, a gente joga para fora tudo de ruim e torna-se essa criança que brinca que não cansa, né? [...] Mas a gente está aqui, sempre conectado a essa grande luz que é os nossos ancestrais, que é os nossos encantados. Então, muita força, muita luz para todos nós, assim como a história é abençoada por todos nós juntos (pajé Nádia Pitaguary).¹⁸

¹⁸ Pajé Nádia Pitaguary. Registro audiovisual realizado por ocasião da visita do grupo da concepção e desenvolvimento da exposição sobre saúde indígena à Aldeia Pitaguary. Pacatuba/CE, mar. 2024.

Referências

- ASSUNÇÃO, Alexandre Hermes Oliveira. O terreiro do pajé Barbosa: memórias políticas-afetivas do território Pitaguary. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54667>. Acesso em: 7 out. 2024.
- BARROS, R.; BONATTO, M. P.; FERREIRA, M.; MARINHO, G.; OLIVEIRA, P. Movimentos sociais em luta contra o racismo de Estado e pela vida: contribuições ao debate sobre saúde. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 8, p. 324-337, dez. 2019..
- BENITES, Sandra. Saberes ancestrais e ciência. In: Seminário ConversAções para transformar: 25 anos do Museu da Vida Fiocruz. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=RT2_AM_DEYs. Acesso em: 29 out. 2024.
- BONATTO, M. P.; SOUZA, W. C. A Mesa de Santiago do Chile: contexto e respostas no Museu da Vida Fiocruz. In: HEYMANN, Luciana (org.). *50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972-2022): novos olhares sobre os museus*. São Paulo: Hucitec, 2023. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/60264>. Acesso em: 24 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. *Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde/Fundação Nacional de Saúde, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPI/C-SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.
- BRASIL. Ministério dos Povos Indígenas. Chamamento para indígenas participarem como representantes diplomáticos na COP 30 saí até agosto – MPI vai promover, em parceria com o Itamaraty, formação para delegação de indígenas atuar na conferência da ONU no Pará, no próximo ano. [Brasília, DF], 3 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/07/chamamento-para-indigenas-participarem-como-representantes-diplomaticos-na-cop-30-sai-ate-agosto>. Acesso em: 5 set. 2024.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Pesquisa em museologia e questões indígenas. In: CURY, M. X. (org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: MAE-USP, 2016. p. 29-32. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/86/74/359>. Acesso em: 10 set. 2024.
- CRIS. Centro de Relações Internacionais em Saúde. Fiocruz. 331 – Seminários CRIS 2025 – Saúde dos Povos Indígenas. In: Seminários avançados em saúde global e diplomacia da saúde. VideoSaúde – Distribuidora da Fiocruz. Transmitido ao vivo em 24 de set. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p8OoD_Hk2m4. Acesso em: 10 out. 2025.
- CURY, Marília. O protagonismo indígena e Museu: abordagens e metodologias. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 19, p. 14-21, jan./jun. 2021.

- CURY, Marília Xavier (org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/86/74/359>. Acesso em: 10 set. 2024.
- CURY, Marília Xavier. Repatriamento e remanescentes humanos: museália, musealidade e musealização de objetos indígenas. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 26, p. 14-42, 2020.
- FERREIRA, L. O. Os discursos oficiais e a emergência do tradicional como objeto de políticas públicas. In: FERREIRA, L. *Medicinas indígenas e as políticas da tradição: entre discursos oficiais e vozes indígenas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. p. 49-70. Coleção Saúde dos Povos Indígenas. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f48w3/epub/ferreira-9788575415108.epub>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (org.). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014. p. 273-333.
- FIOCRUZ. IX Congresso Interno da Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/IX%20Congresso%20Interno%20Fiocruz%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- FIOCRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. Museu da Vida Fiocruz: plano museológico 2023-2026. Rio de Janeiro: Fiocruz/ COC, 2023. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/64262>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- GUIMARÃES, Viviane Wermelinger; CURY, Marília Xavier; CARNEIRO, Carla Gilbertoni; SILVA, Maurício André da. *Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena: resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia, 2018. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portal-delivrosUSP/catalog/book/203. Acesso em: 20 ago. 2024.
- KRENAK, Ailton. Memória não queima. *Cadernos SELVAGEM* – Publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2023. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2023/10/CADERNO72_AILTON_KRENAK.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.
- LANGDON, E. J. Uma avaliação crítica da atenção diferenciada e a colaboração entre antropologia e profissionais de saúde. In: LANGDON, E. J.; GARNELO, L. (org.). *Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria: ABA, 2004.
- LANGDON, J. Diversidade cultural e os desafios da política brasileira de saúde do índio. *Saúde e Sociedade*, v. 16, n. 2, p. 7-12, 2007.
- PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MELO, Susilene Elias. Museu Worikg e as mulheres Kaingang. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 19, p. 22-33, jan./jun. 2021.
- RUSSI, Adriana. Nas fronteiras dos museus: acervos etnográficos e processos colaborativos com povos indígenas no Brasil. *Revista Hawò*, v. 3, p. 1-42, 2022.
- SOARES, Bruno Bralon. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 28, p. 1-30, 2020.

- SOARES, Bruno Bralon; LESHCHENKO, Anna. Museology in Colonial contexts: a call for Decolonisation of Museum Theory. In: ICOFOM. *The politics and poetics of Museology*. [S.I.]: Icofom, 2018. Icofom Study Series, v. 46, p. 61-79.
- WALSH, C. Interculturalidad Crítica y Pedagogía De-Colonial: Apuestas (Des)De El In-Surgir, Re-Existir y Re-Vivir. *Educação On-Line*, n. 4, 2009. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1802/561>. Acesso em: 10 out. 2025.
- VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Lisboa: Orfeu Negro, 2024.

Agradecimentos

Aos povos Pitaguary e Kaingang por todo aprendizado e trocas obtidos durante nossas visitas às aldeias e durante todos os encontros realizados.

A toda equipe do Museu Worikg e do Museu Indígena Pitaguary, a Tekohaw Aldeia Maracanã, ao Museu Nacional dos Povos Indígenas.

À professora Marília Xavier Cury pela parceria e pelos comentários neste artigo e à equipe do MAE/USP.

À Vice-Presidência de Ambiente e Atenção à Saúde da Fiocruz (VPAAPS), à Direção da Casa de Oswaldo Cruz, à Fundação de Apoio à Fiocruz (Fiotec), Vídeo Saúde e, em especial, a toda a equipe do Museu da Vida Fiocruz, pelo apoio.

A Ana Carolina Gonzalez, Heliton Barros, Alessandro Batista, Leninha Monteiro, Diego Bevilaqua, Fabiane Gaspar, Paulo Lara, Hermano Castro, Sandra Magalhães, Gabriela Lobato, Alex Hermes, Alexandre Gomes, Janna Guató, Monica Potiguar, Viviane Wermelinger, Fábio Pimentel, Tânica Sarquis, Daniel Leão, Felipe Soares, Ana Lúcia Pontes.

Maria Paula O. Bonatto | Doutora em Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). Mestre em Filosofia da Educação (FGV). Bióloga, educadora do Museu da Vida Fiocruz, professora e pesquisadora no desenvolvimento de tecnologias para educação, com base na Determinação Social da Saúde. Docente do curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Atualmente coordena o projeto da exposição sobre saúde indígena, com curadoria de pajés. | E-mail: paula.bonatto@fiocruz.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4153-1230>.

Dirce Jorge Kaingang | Nasceu na Terra Indígena Vanuíre, Arco-Íris, São Paulo. Atua como pajé (Kujä na língua kaingang) e líder em sucessivas gerações de mulheres Kaingang em defesa da cultura tradicional. Gestora e curadora do Museu Worikg, é também curadora da exposição Resistência já!: fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP). | E-mail: worikgmu-seu@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3587-5117>.

Susilene E. Melo Kaingang | Nasceu na Terra Indígena Vanuíre, Arco-Íris, São Paulo. Atua como assistente de pajé (Kujã na língua kaingang) e faz parte da terceira geração de mulheres líderes da Cultura Kaingang. Gestora e curadora do Museu Worikg, é também artesã, educadora e lidera o grupo cultural Kaingang da Terra indígena Vanuíre. Curadora da exposição Resistência já!: fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP). E-mail: susikaingang@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3805-2570>.

Nádia Luzia Pitaguary, pajé indígena Pitaguary | Nascida na Aldeia Monguba, Pacatuba, Ceará. Filha do pajé Barbosa, Xamã, professora indígena, cuidadora do sagrado feminino, mãe de santo, graduada em pedagogia pela Licenciatura Indígena Intercultural (Kuaba-UFC), coordenadora do Museu Indígena Pitaguary. Principal cuidadora da espiritualidade do seu povo desde a partida de seu pai em dezembro de 2022; palestrante e liderança indígena, raizeira, cachimbeira e parteira. E-mail: nadiapitaguary@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4859-5284>.

Denise Coelho Studart | Doutora Ph.D. in Museum Studies pela Universidade de Londres (UCL). Museóloga pela Escola de Museologia/UniRio. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus-Nepam, Museu da Vida Fiocruz e atua em diversos temas, entre os quais: estudos de público, educação museal, museus e sustentabilidade ambiental, museologia decolonial, ciência e arte. Também é docente do curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. E-mail: denise.studart@fiocruz.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5481-8287>.

Beatriz Schwenck | Mestre em Ciência da Informação (Ibict/UFRJ). Bibliotecária e educadora, coordenadora da Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel (Museu da Vida Fiocruz). E-mail: beatriz.schwenck@fiocruz.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7593-6758>.

Paulo Henrique Colonese | Mestre em Educação Matemática (Universidade de Vassouras). Físico (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e educador do Museu da Vida Fiocruz. Atualmente no Serviço de Itinerância – Ciência Móvel: Arte e Ciência sobre Rodas. Membro da Diretoria e coordenador dos módulos interativos e participativos de Matemática, Física e Astronomia do Museu Espaço Ciência Viva. E-mail: paulo.colonese@fiocruz.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2898-6698>.

Barbara S. M. Oliveira | Especialista em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Bacharel em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Esdi/Uerj). Atua como designer e ilustradora no Serviço de Design de Exposições e Produtos de Divulgação Científica, no Museu da Vida Fiocruz (SDEPDC/MV/COC/Fiocruz), tendo participado de mais de vinte projetos de exposições. E-mail: barbara.mello@fiocruz.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3083-9263>.

[«< Voltar ao início](#)